R-2244
ARQ|POR
SIC

Sic memorat

Estudos em Homenagem a
Teresa Júdice Gamito

Organização de

João Pedro Bernardes

Arte, Literatura e História

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

2008

Campo Arqueológico de Mértola
BIBLIOTECA

O SUL ENTRE ROMA E O ISLÃO

Santiago Macias

Introdução

Com o final do Império Romano o norte e o sul começam a emergir como realidades autónomas. As diferenças que o discurso normativo do império esbatera tornam-se mais nítidas e tendências regionais longamente esquecidas ganham novo fôlego. O norte e o centro, que correspondem aos *Conventi Scallabitanus* (sede em Santarém) e *Bracaraugustanus* (sede em Braga), ligam-se de forma privilegiadas com a área norte da Península Ibérica, em particular com as raízes da arte asturo-leonesa. Os territórios a sul do Tejo (o *Conventus Pacensis* romano) percorrem os séculos V a VIII em permanente contacto com o mundo mediterrânico.

A arte deste período integra-se, quase sem excepção, em contextos religiosos ou funerários (por vezes pertencem a ambos em simultâneo). Podemos, através dela, ter uma percepção da evolução das formas que, ao longo da Alta Idade Média, apontam em diferentes direcções. A norte o caminho será prosseguido pela arte moçárabe e pelo pré-românico. A sul, os contactos com o oriente mediterrânico abrirão caminho à arte islâmica.

Estas diferenças, ainda só esboçadas na Alta Idade Média, serão uma das matrizes fundadoras de Portugal. O norte e o sul começam então a sedimentar diferenças que mais tarde se aprofundaram e cristalizaram. Aquilo que a geografia enquadrou (as diferenças do relevo, do clima e da flora) o Homem se encarregou de transformar em cultura. Os diferentes modos de falar, de construir, de cantar, de fazer agricultura ou de preparar os alimentos são disso fruto. O Portugal do Mediterrâneo e o Portugal do Atlântico não mais deixariam de ser mundos diferentes e complementares.

Um mundo em crise

"Enquanto que as Espanhas são abandonadas aos excessos dos bárbaros e que o mal da peste não causa menos estragos, as riquezas e os aprovisionamentos armazenados nas cidades são extorquidos pelo tirânico cobrador de impostos e esgotados pelo soldado. Eis o ataque da medonha fome: os humanos devoram a carne humana sob a pressão da fome, as mães, também elas, se alimentam da carne das suas crianças que mataram ou fizeram cozinhar. Os animais ferozes, habituados aos cadáveres das vítimas da espada, da fome e da peste também matam os homens mais fortes e, alimentados com a sua carne, soltam-se por toda a parte para aniquilamento do género humano. É assim que, pelos quatro flagelos do ferro, da fome, da peste e dos animais ferozes, sentidos no mundo inteiro, que se cumpre o que o Senhor tinha anunciado através dos seus Profetas".

Esta passagem da Crónica de Idácio é, certamente das mais conhecidas e das mais citadas. Idácio (c. 395-c. 470) reporta-se aos acontecimentos ocorridos na Hispânia por volta do ano de 410 e dá testemunho de uma certa visão do mundo e de uma certa visão dos acontecimentos. A imagem é a do apocalipse e do fim dos tempos.

Foi norma, durante muitos anos, olhar o início do século V como um tempo de irreparável decadência. Sucessivas invasões de povos germânicos teriam introduzido uma nova ordem na Península Ibérica, modificando a realidade existente. Um olhar mais atento sobre o território dá-nos, contudo, uma perspectiva um tanto diferente, que ganha contornos mais vincados nas regiões a sul do Tejo.

Idácio expressa de viva voz a preocupação sentida pelo enfraquecimento dos laços de autoridade que o Império impunha, mesmo se os tempos da pax romana eram já uma memória um tanto longínqua. Ao longo do século V a geografia política da Hispânia altera-se de forma radical e irreversível. À ausência do poder de Roma vão as oligarquias locais responder com a criação de novos centros de decisão. As capitais conventuais mantêm e, por vezes, reforçam a importância anteriormente detida. Por vezes, como sucedeu em Córdova, os grandes proprietários hispano-romanos tiveram mesmo a necessária capacidade de iniciativa para manterem um governo independente (até 572, quando Leovigildo passa a controlar a região). García Moreno chama a esse processo o "endémico problema posto pela rebeldia de uma boa parte da aristocracia fundiária bética", que se refugiava ora na cidade ora nas suas vilas fortificadas.

Cidades do sul

Ao longo do século V as cidades modificam-se e alteram as suas funções. Os grandes edifícios públicos, manifestação do poder do Império, perdem utilidade e são adaptados a novos usos. A cidade mudara, assim como o papel que desempenhava. Teatros, anfiteatros, foros, vêem o seu espaço ocupado por basílicas cristãs ou por zonas habitacionais; na pior das hipóteses, os edifícios foram pura e simplesmente desmontados e as pedras reaproveitadas em novas construções. Um certo sentido de reciclagem irá marcar toda a Alta Idade Média. Em cidades como Lisboa são conhecidos, no antigo Teatro Romano ou nas termas dos Cássios, contextos arqueológicos da segunda metade do século V ou da primeira metade do século VI que resultaram do desmantelamento dos edifícios e da reutilização das pedras em pequenas habitações. A adaptação de edifícios a novas funções foi prática corrente. Essa atitude reconhece-se, também, em Tróia, onde se identificaram duas importantes estruturas às quais se atribui um carácter religioso. Na realidade, tanto o chamado baptistério como a basílica correspondem a adaptações de imóveis previamente existentes.

É verdade que a arqueologia ilumina ainda hoje de forma insuficiente a evolução do *Conventus Pacensis* ao longo da Antiguidade Tardia. Os materiais são escassos e reportam-se, no caso das peças de arquitectura, quase sempre ao contexto religioso. Pode dizer-se sem grande exagero que as escavações referentes a

este período se limitaram às *villæ*, às basílicas e às estruturas associadas à elite romana. Devemos acrescentar as necrópoles, apesar da insuficiência de trabalhos sistemáticos no sudoeste peninsular. Não se estranha, assim, que os principais vestígios sejam os de antigos locais de culto como a basílica de Sines, de Mértola, a igrejinha de Vera Cruz de Marmelar ou a importante colecção recolhida em Beja ou nos seus arredores.

Quando olhamos o mapa de distribuição dos vestígios arqueológicos surgidos a sul do Tejo não podemos deixar de notar duas linhas de força:

1. O carácter urbano desses achados, o que parece contrariar a perspectiva radical de uma ruralização da sociedade;

2. A importância das vias de comunicação nos circuitos de produção e de distribuição;

Em relação ao primero aspecto chame-se a atenção para os vestígios de Beja, Mértola ou Sines, que atestam uma continuidade de ocupação dos respectivos espaços urbanos e/ou periurbanos. É difícil saber com rigor se era a área intra-muros herdada do mundo romano que era ocupada ou se uma parte da população habitaria perto dos povoados, naquilo que restava das *villæ* ou em zonas apalaçadas semelhantes às *munyas* do mundo islâmico. Pode assinalar-se que dos cerca de 200 fragmentos de decoração arquitectónica registados no território de Beja quase 72% pertencem aquelas três localidades.

Quanto ao segundo, sublinhe-se a ligação entre os principais sítios, urbanos ou rurais, da Antiguidade Tardia, e as grandes vias de comunicação. Uma delas ligava a foz do Sado a Mérida, cruzando o Alto Alentejo e passando por Évora; outra punha em contacto o litoral alentejano e a Bética, através de Beja. Um antigo caminho assegurava, no sentido norte-sul, o contacto entre Évora, Beja e Mértola. Era esta cidade portuária que, através do rio Guadiana, estabelecia o contacto com o mar Mediterrâneo.

A importância dos meios urbanos é uma constante e marca a geografia do território. A cidade de Beja herda um importante legado da época romana, sendo constantes, ao longo dos séculos VI e VII, as referências ao seu bispado, abundando no espaço intra-muros os elementos arquitectónicos que desmentem

qualquer declínio. A tradição da cidade enquanto centro importante e lugar de difusão do conhecimento continuou na época islâmica: uma elite religiosa de *ulemas* de origem local assegurará uma prestigiosa transmissão de saberes.

Sines, por seu turno, apresenta um importante conjunto de materiais da Alta Idade Média, a ponto de justificar, já em pleno período islâmico, uma descrição um pouco mais detalhada de al-ˇimyarı, que refere explicitamente os monumentos herdados, segundo a tradição, do tempo de "Diocleciano", mas que sabemos, pelo espólio conservado no Museu Municipal, serem oriundos de uma grande basílica em uso entre, pelo menos, os séculos V e VIII. Permanecem na penumbra as razões da presença de um tal edifício, mas as condições do porto local – um dos raros pontos de abrigo na costa ocidental a sul do Sado – terão construído e reforçado lendas como a do misterioso S. Torpes, cujas relíquias teriam chegado por mar. Ainda no século XVIII se celebrava a grandeza da sua basílica, nem mais nem menos que "a primeira da Europa e a segunda da Cristandade".

Quanto a Mértola conhece na Antiguidade Tardia um momento de particular fulgor, que pode ser associado à apropriação do rendimento das minas do seu território pela burguesia local. As construções com que a cidade se renova ao longo dos séculos V e VI (muralhas, basílicas, baptistério) são bem testemunho de uma capacidade de investimento sem precedentes.

O relativo carácter costeiro da Antiguidade Tardia no sul ganha uma expressão ainda mais evidente quando olhamos a mancha de difusão das cerâmicas de origem africana ou oriental (em particular a *terra sigillata* clara D ou a Late Roman C). Destacam-se, no Algarve, quatro sítios do litoral: Torre de Ares, Marim, Loulé Velho e Cerro da Vila. Na costa alentejana, a importância da basílica de Sines e a ocupação tardia de Miróbriga reflectem-se nos achados da Ilha do Pessegueiro e da Courela dos Chãos, perto de Sines. Tróia, na foz do Sado, conhece importantes modificações ao longo dos séculos V e VI, mas o carácter parcelar dos trabalhos ali empreendidos não permite ainda uma leitura global do sítio. A polaridade de Beja e o papel das vias torna-se, mais uma vez, evidente quando registamos os locais onde se recolheram cerâmicas: para além da cidade portuária de Mértola (e no Montinho das Laranjeiras, a caminho de Mértola), estão presentes em Beja e nas importantes *villæ* de S. Cucufate, do Monte da Cegonha, da Cidade das Rosas e da Horta de D. Maria, ou seja, em volta do velho caminho romano Mértola-Serpa-Beja.

Uma parte substancial destas cerâmicas têm origem na zona da actual Tunísia e foram produzidas entre os séculos I e V da nossa era. Peças mais tardias foram registadas, por exemplo, no Teatro Romano de Lisboa, onde se recolheram restos de ânforas produzidas nas costas norte e sul da Turquia, em Rodes e em Chipre, entre os séculos V e inícios do VII.

Basílicas e baptistérios

A fragmentação de poderes e a sua "regionalização" teve reflexos no surgimento de ateliers locais e no desenvolvimento de tendências artísticas que têm como foco as antigas capitais conventuais e provinciais. O peso simbólico de Mérida ganha um reforçado protagonismo e, ao longo dos séculos V, VI e VII, a cidade torna-se um pólo difusor de referências culturais e artísticas, exportando os seus modelos para todo o sul. É sobretudo nas peças de escultura (capitéis, frisos, impostas, pilastras etc.) que podemos seguir esse percurso. A presença na cidade de bispos de origem oriental contribuiu para a chegada de influências dessas áreas durante o chamado "período visigótico". Encontramos reflexos da difusão do *foco emeritense* em Elvas, Juromenha, Vera Cruz de Marmelar, Serpa, Moura, Beja e até em locais mais distantes como Mértola e Sines. Dominam este núcleo escultórico a tradição anti-icónica e uma gradual tendência para a geometrização e para o esquematismo em detrimento das representações vegetalistas, que quase se perdem ao longo do século VII.

A difusão de modelos artísticos à escala regional não impediu o contacto com horizontes mais longínquos. São disso exemplo as basílicas de dupla ábside de Casa Herrera (Mérida), de Torre de Palma (Monforte) e de Mértola, datáveis dos séculos V-VI e claramente inspiradas em modelos norte-africanos, com particular expressão nas actuais Argélia e Tunísia. Só uma delas, a de Mértola, surgiu em contexto urbano, estando as outras duas associadas a ricas explorações agrícolas lusitanas. As funções desempenhadas por estes espaços parecem ter sido um tanto diferentes: exclusivamente funerárias no caso de Mértola, associadas a um baptistério em Casa Herrera e em Torre de Palma. Em nenhuma delas está comprovada a presença de relíquias de mártires, as quais foram, com frequência, pretexto mais que suficiente para a construção destes templos. Sabemos, aliás, da importância que isto tinha: eram alvo de

cobiça e motivo de um curioso comércio que se desenvolveu, de Oriente para Ocidente, ao longo da Idade Média.

Não são muito frequentes os exemplos de edificações religiosas construídas de raíz no território português a sul do Tejo. Podemos supôr, mas não provar, que terá sido o caso das desaparecidas basílicas de Sines e de Sto. Amaro (Beja), dada a importância dos vestígios encontrados nesses locais. No caso de Sto. Amaro admite-se mesmo a realização de obras em épocas muito tardias (séculos IX-X), quando a cidade estava há longos anos sob domínio muçulmano.

A igreja de Vera Cruz de Marmelar, com as suas três ábsides rectangulares, foi muito modificada nos séculos XVI-XVII, mas data do século VII. A prática mais corrente foi a adaptação de edifícios a novas funções. Isso constata-se num sítio como Tróia, onde se identificaram duas importantes estruturas de características religiosas. Na realidade tanto o chamado baptistério como a basílica correspondem a campanhas de obras, realizadas durante os séculos IV-V, em imóveis previamente existentes. O mesmo espírito esteve presente nas novas funções cristãs atribuídas ao santuário aquático de Milreu (Faro) ou ao templo pagão da *villa* de S. Cucufate. Por vezes, e quando os espaços dedicados às divindades pagãs não tinham a magnificência dos de Milreu ou de S. Cucufate, era regra a modificação do espaço interno da *villa*, de forma a criar locais de culto com a devida dignidade. Foi esse o caso do Montinho das Laranjeiras (Alcoutim) e do Monte da Cegonha (Vidigueira), sendo de assinalar neste último a presença de um relicário, forma inequívoca de santificação do lugar.

Alguns destes edifícios dispunham de baptistério, o que lhes conferia a categoria de *ecclesia* ou igreja paroquial. A variedade de soluções é norma nos exemplares de piscinas baptismais existente no território português. Em Torre de Palma encontra-se um baptistério que forma um complexo autónomo, dotado de várias salas e com uma piscina em forma de cruz, onde aparentemente o espaço maior estaria reservado aos adultos e o mais pequeno às crianças. Tróia corresponde, como já se disse, à reutilização de um edifício já existente, ao passo que a piscina baptismal de Milreu foi construída sobre uma sepultura paleocristã, situada ao lado do ninfeu transformado em igreja. Na basílica do Monte da Cegonha, o local do baptismo é uma simples cuba monolítica em mármore, que parece ter sido reutilizada de um bocal de poço ou de cisterna.

O baptistério de Mértola, por seu turno, integra-se numa estrutura mais elaborada. O extremo norte da área intra-muros é marcado pela presença de uma vasta plataforma aplanada que mede sensivelmente 50 por 35 metros, ou seja cerca de 1750 m^2. Zona áulica por excelência foi ali que, ao longo dos séculos V e VI, se instalou um complexo religioso constituído por um baptistério e pelos respectivos anexos. Merece destaque uma piscina baptismal de planta octogonal, elemento que sublinha, uma vez mais, as ligações de Mértola ao Mediterrâneo: as piscinas octogonais e com cronologia próxima da de Mértola (séculos V-VI) encontram-se em Barcelona, na Provença e ao longo do Vale do Ródano, no norte de Itália e na costa da Dalmácia.

O facto mais relevante no baptistério de Mértola é, contudo, a magnificência dos seus mosaicos, cuja iconografia nos remete para um horizonte cultural mediterrânico, com paralelos nas margens norte e sul do grande mar interior. Belerofonte matando a Quimera, leões afrontados, um falcoeiro, lebres, avestruzes e leopardos. Muitos dos animais dos mosaicos de Mértola são estranhos à fauna local. Artistas africanos ou orientais terão vindo nessa época (séculos V-VI) dar um importante contributo para a renovação da zona áulica da cidade. Os paralelos para estes mosaicos estão longe, algures na Grécia, na Líbia ou na Jordânia.

As relações de Mértola com o mundo bizantino terão facilitado esses contactos e contribuiram para a incluir no circuito de produção artística daquele tempo. A riqueza mineira da região terá, segundo se pensa, financiado as obras de renovação. Ou seja, a regionalização dos poderes e a concentração da riqueza nas mãos das oligarquias locais desempenharam decerto um papel de destaque em programas de embelezamento como este.

As necrópoles

Deixámos para o fim as necrópoles e essa outra e definitiva ligação ao Sagrado. Temos hoje uma extensa lista de necrópoles da Alta Idade Média no sul de Portugal, das quais merecem particular destaque as de Mértola (séculos V-VIII), em contexto urbano, e de Silveirona (1ª metade do século VI), numa área rural, embora as lacunas de registo tornem difícil a interpretação desta última.

A chegada a qualquer povoado nos mundos romano e paleocristão obrigava ao atravessamento dos cemitérios, que a muralha urbana separava do mundo dos vivos, ficando estes protegidos da ameaça das trevas e também do caos exterior. Foi também esse temor que levou os enterramentos cristãos da Alta Idade Média a apertarem-se junto aos muros das basílicas funerárias. Os altos dignitários religiosos e os poderosos das cidades faziam-se inumar dentro do espaço protegido, de preferência bem perto do altar. Do lado de fora ficavam todos os que não podiam pagar um troço do chão sagrado.

Essa prática é bem visível na basílica funerária de Mértola, onde a persistência de inumações no seu interior ao longo dos séculos V, VI e VII pode, de alguma forma, fazer supôr uma intensa procura de um espaço privilegiado, e longe dos efeitos maléficos, para a inumação dos corpos. As proibições conciliares de realizar enterramentos no interior das igrejas não terá tido grandes efeitos práticos: no século VII Julião de Toledo fala da persistência deste costume, ao afirmar o desejo dos fiéis em fazer-se sepultar *apud memorias martyrum*. Refira-se ainda que a celebração de missas pelos defuntos só era permitida dentro das basílicas ou junto às relíquias dos mártires e não fora daí (cânone LXVIII do concílio de Braga II – 572). Os textos referem vários mártires nos territórios a sul do Tejo: recordem-se Engrácia e Sisenando, em Beja; Liberata e Mâncio, em Évora. Estão, contudo, por provar as relações entre estes mártires e eventuais locais de culto.

As formas de protecção dos defuntos eram variadas, sendo frequente o recurso a tradições pagãs: eram habituais tanto o pagamento do óbolo a Caronte (através da colocação de uma moeda na mão ou na boca de defunto), como a prática do banquete ritual, tradição que a Igreja condenou através do cânone LXXIX do concílio de Braga II de 572 - não era permitido levar alimentos aos túmulos dos defuntos nem oferecer sacrifícios em honra dos mortos. As inumações paleocristãs, além de conterem por vezes algum espólio cultual de tradição pagã - lacrimários e pequenos recipientes para alimentos ou perfumes - dispunham o corpo com a cabeça a poente de forma a que este pudesse olhar o Sol nascente no dia do Juízo Final. As jarrinhas, independentemente do seu conteúdo, traduziam a necessidade de ajudar o defunto no seu percurso além-túmulo.

Outras formas de homenagem aceites pela Igreja tornaram-se prática universal e subsistiram até aos nossos dias. A ligação entre o ritmo das orações que se seguem à morte, no 3°, 7°, 9°, 30° e 40° dia, e uma visão da morte transmitida

pela medicina antiga era dada da seguinte forma: "Quando um homem está morto, ao 3° dia transforma-se e toma a sua forma reconhecível; ao 9° dia, o corpo dissolve-se por inteiro, salvo o coração que se conserva; no 40° dia este desaparece com o resto." É por este motivo que se celebra a liturgia dos mortos no 3°, 9° e 40° dia. Uma antropologia da morte dissimular-se-ia então detrás dos usos em uso tanto na tradição cristã como no Islão, onde a oração do 40° dia permaneceu importante. A ideia de um combate ou de provações que a alma tem de suportar no Além desde a partida é comum ao Oriente e ao Ocidente.

A preservação da memória do defunto era sempre complementada pela presença de lápides funerárias. Na maior parte delas os nomes registados (Donata, Faustianus, Rufina etc.) apontam o carácter autóctone da população. É, contudo, de sublinhar a presença em Mértola de comunidades gregas, originárias do Mediterrâneo Oriental. Estamos certos que foram esses grupos de mercadores a desempenhar um papel crucial na transmissão dos modelos artísticos levantinos.

Conclusão

À medida que a Idade Média avança, duas realidades se tornam evidentes no sudoeste peninsular. Por um lado, a da permanência, em termos de ocupação do território, de um fio condutor que mergulha as suas raízes no Baixo Império; por outro, a de uma progressiva e cada vez mais vincada abertura a Oriente.

Não temos, na região, o abandono de qualquer dos sítios "urbanos" ao longo da Alta Idade Média nem nos primeiros tempos da islamização. Pode argumentar-se que os sítios terão sofrido mutações entre os séculos V e X e que não é lícito postular uma continuidade *strictu sensu* de espaços urbanos cuja função em grande medida já se perdera. Aceite-se essa ideia sem excluir outras hipóteses. Nomeadamente a probabilidade da classe terra-tenente ter abandonado essas cidades em favor das suas quintas ou *munya-s* que existiam em torno de sítios como Beja, Évora ou Faro.

No que se refere à ocupação do espaço rural, a ideia que fica, e apesar de uma ainda muito insuficiente abordagem arqueológica, é a da continuidade de ocupação das áreas agrícolas ocupadas na Antiguidade Tardia e na Alta Idade

Média, embora com evidentes mudanças de funções. Desaparecem as antigas *villæ*, que dão lugar a explorações de menores dimensões e com um tipo de ocupação nitidamente mais modesto.

Sublinhe-se, por outro lado, que as relações com o Mediterrâneo conheceram um novo impulso entre os séculos V e VIII. Numa epígrafe paleocristã de Mértola - incompleta e não datada - são identificáveis duas aves do paraíso com cauda de pavão. Este motivo decorativo de origem oriental virá a ter larga difusão na arte islâmica. Os motivos vegetalistas da lápide, registados com algum realismo (a ponto de pensarmos que estamos perante representações de ramos de roseira em botão), foram muito comuns na decoração musiva de Ravena e tiveram grande divulgação por toda a bacia do Mediterrâneo. O uso desta ornamêntica prolongou-se até ao período islâmico, durante o qual foi empregue de forma generalizada.

De algum modo, os caminhos trilhados desde a Antiguidade continuavam abertos e uma orientalização *avant la lettre* era já então bem visível. Os modelos importados do Médio Oriente e do Norte de África eram familiares aos mertolenses de então, pressupondo-se que a islamização terá representado mais que uma ruptura brusca a adaptação a novos caminhos e a novas atitudes.

Bibliografia

AL-HIMYARI (1938) - *La Péninsule Ibérique d' après le "Kitab al-rawd al-mihtar d' al-Himyari"* (ed. Évariste Lévi-Provençal), Leiden, EJ. Brill

ALARCÃO, Jorge (1985) - *Sobre a romanização do Alentejo e Algarve* in "Arqueologia", n° 11, Porto, GEAP, pp. 99-111

ALARCÃO, Jorge (1995) - *Os monumentos cristãos da villa de S. Cucufate* in "IV Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica", Barcelona, Institut d'Estudis Catalans, pp. 383-387

ALBA CALZADO, Miguel (2000) - *Datos para la reconstrucción diacrónica del paisaje urbano de Emerita: las calles porticadas desde la etapa romana a la visigoda* in "Excavaciones arqueológicas en Mérida. Memoria 2000, n° 6, Mérida", Consorcio Ciudad Monumental Histórico-Artística y Arqueológica de Mérida, pp. 371-396

ALFENIM, Rafael; LOPES, Maria da Conceição (1995) - *A basílica paleocristã/visigótica do Monte da Cegonha (Vidigueira)* in "IV Reunió d' Arqueologia Cristiana Hispànica", Barcelona, Institut d' Estudis Catalans, pp. 389-399

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1986) - *Arte paleocristã da época das invasões* in "História da Arte em Portugal", vol. 2, Lisboa, Publicações Alfa, pp. 9-35

ALMEIDA, Fernando de (1954) - *Pedras visigóticas de Vera Cruz de Marmelar*, Lisboa

ALMEIDA, Fernando de (1962) - *Arte Visigótica em Portugal*, Lisboa

ALMEIDA, Fernando de (1966-1967) - *Mais pedras visigóticas de Lisboa e do grupo lusitânico* in "Arquivo de Beja", XXIII-XXIV, Beja, pp. 224-240

ALMEIDA, Fernando de (1968-1970) - *Sines visigótica* in "Arquivo de Beja", vol. XXV-XXVII, Beja, Câmara Municipal de Beja, pp. 17-29

ALMEIDA, Fernando de; CAEIRO, José (1978) - *Pé de altar visgótico na Abóbada (Serpa)* in "Actas das III Jornadas Arqueológicas"; Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 339-344

ALMEIDA, Maria Amélia Fresco (1987) - *Escultura arquitectónica e funerária dos séculos IV a VIII a sul do Tejo*, 4 vols., dissertação de Mestrado em História da Arte (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa), Lisboa

CABALLERO ZOREDA, Luis; ULBERT, Thilo (1975) - *La basilica paleocristina de Casa Herrera en las cercanias de Merida (Badajoz)*, Madrid, Ministério de Educacion y Ciencia

CASTELO-BRANCO, Fernando (1963) - *Aspectos e problemas de Tróia de Setúbal*, sep. de "Ocidente", vol. LXV, Lisboa

COUTINHO, Hélder (1997) - *Terra sigillata clara do Montinho das Laranjeiras – 1990 e 1991*, Alcoutim, Câmara Municipal de Alcoutim

CUNHA, Mélanie Wolfram Espanha da (2004) - *Silveirona. Do mundo funerário romano à Antiguidade Tardia – setenta anos depois*, dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia (Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa), Lisboa

DELGADO, Manuela (1992) - *Cerâmicas romanas tardias de Mértola originárias do Médio Oriente* in "Arqueologia Medieval", nº 1, Porto, Edições Afrontamento, pp. 125-133

DEUS, Manuela de *et al.* (2004) - *Sarcófago do Cerro do Faval (Ourique): intervenção de emergência* in "Revista Portuguesa de Arqueologia", vol. 7, nº 1, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, pp. 451-465

DIOGO, António Dias; TRINDADE, Laura (1999) - *Ânforas e sigillatas tardias (claras, foceenses e cipriotas) provenientes das escavações de 1966/67 do Teatro Romano de Lisboa* in "Revista Portuguesa de Arqueologia", vol. 2, nº 2, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, pp. 83-95

DIOGO, António Dias; SEPÚLVEDA, Eurico de (2000) - *As lucernas das escavações de 1989/93 do Teatro Romano de Lisboa* in "Revista Portuguesa de Arqueologia", vol. 3, nº 1, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, pp. 153-161

DIOGO, António Dias (2000) - *As ânforas das escavações de 1989/93 do Teatro Romano de Lisboa* in "Revista Portuguesa de Arqueologia", vol. 3, nº 1, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, pp. 163-179

DIOGO, António Dias e TRINDADE, Laura (2000) - *Vestígios de uma unidade de transformação do pescado na Rua dos Fanqueiros, em Lisboa* in "Revista Portuguesa de Arqueologia", vol. 3, nº1, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, pp.181-205

FARIA, António Marques de (1988) - *On finds of suevic and visigothic coins in the Iberian Peninsula and their interpretation* in "Problems of medieval coinage in the Iberian Area", 3 (ed. por Mário Gomes Marques e D.M. Metcalf), Sociedade Numismática Scalabitana/Instituto de Sintra, pp. 71-88

GARCÍA MORENO, Luis (1998) - *Historia de España Visigoda*, 2ª ed., Madrid, Ed. Cátedra

GODOY FERNÁNDEZ, Cristina (1995) - *Arqueología y liturgia. Iglesias hispánicas (siglos IV al VIII)*, Barcelona, Universitat de Barcelona

HAUSCHILD, Theodor (1986) - *Arte visigótica* in "História da Arte em Portugal", vol. 1, Lisboa, Publicações Alfa, pp. 149-169

IDÁCIO (1974) - *Chronique*, 2 vols. (introdução, comentário, texto crítico, tradução e índice por Alain Tranoy), Paris, Les Éditions du Cerf

JORGE, Ana Maria (2002) - *L'épiscopat de Lusitanie pendant l'Antiquité Tardive (IIIe-VIIe siècles)*, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia

LOPES, Virgílio (2003) - *Mértola na Antiguidade Tardia. A topografia histórica da cidade e do seu território nos alvores do cristianismo*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola

MACIAS, Santiago; TORRES, Cláudio (coord.), (1993) - *Museu de Mértola – Basílica Paleocristã*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola

MACIEL, Manuel Justino (1996) - *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo*, Lisboa, ed. do autor

MALONEY, Stephanie (1995) - *The early christian basilica complex of Torre de Palma (Monforte, Alto Alentejo, Portugal)* in "IV Reunió d' Arqueologia Cristiana Hispànica", Barcelona, Institut d' Estudis Catalans, pp. 449-458

MARIN, Manuela (2001) - *Los Ulemas de Beja: formación y desaparición de una elite urbana* in "Elites e redes clientelares na Idade Média" (ed. Filipe Themudo Barata), Évora, Edições Colibri/CIDEHUS, pp. 27-44

MARQUES, Mário Gomes (1995) - *Ensaios sobre história monetária da monarquia visigoda*, Porto, Sociedade Portuguesa de Numismática

PUERTAS TRICAS, Rafael (1975) - *Iglesias hispánicas (siglos IV al VIII) - testimonios literarios*, s.l., Ministerio de Educacion y Ciencia

QUARESMA, José Carlos (1999) - *Terra sigillata africana D e foceense tardia das escavações recentes de Miróbriga (Chãos Salgados, Santiago do Cacém)* in "Revista Portuguesa de Arqueologia", vol. 2, n° 2, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, pp. 69-81

REAL, Manuel (1995) - *Inovação e resistência: dados recentes sobre a Antiguidade Tardia no Ocidente Peninsular* in "IV Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica", Barcelona, Institut d'Estudis Catalans, pp. 17-68

REAL, Manuel Luís (2000) - *Portugal: cultura visigoda e cultura moçárabe* in "Visigodos y Omeyas. Un debate entre la Antigüedad Tardia y la Alta Edad Media - Anejos de Archivo Español de Arqueologia", XXIII, Madrid, CSIC, pp. 21-75

SCHLUNK, Helmut; HAUSCHILD, Theodor (1978) - *Die Denkmäler der frühchristlichen und westgotischen Zeit. Hispania Antiqua I*, Verlag Phillipp von Zabern, Mainz am Rhein

SOARES, Joaquina (1980) - *Estação romana de Tróia, Setúbal*, C. M. de Grândola e Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal

VIVES, José (1963) - *Concílios visigóticos e hispano-romanos*, Madrid-Barcelona, Consejo Superior de Investigaciones Cientificas